



Ponto Urbe

Revista do núcleo de antropologia urbana da USP

3 | 2008

Ponto Urbe 3

"Pare, olhe, escute!" – um prefácio

Tim Ingold



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1944>

DOI: 10.4000/pontourbe.1944

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica

Tim Ingold, « "Pare, olhe, escute!" – um prefácio », *Ponto Urbe* [Online], 3 | 2008, posto online no dia 14 agosto 2014, consultado o 20 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/1944> ; DOI : 10.4000/pontourbe.1944

Este documento foi criado de forma automática no dia 20 Abril 2019.

© NAU

"Pare, olhe, escute!" – um prefácio

Tim Ingold

Traduzido, sob autorização do autor, do original em inglês "Stop, Look, Listen!", capítulo da obra *The Perception of the Environment. Essays in Livelihood, Dwelling and Skill*. Routledge, NY, 2000 (pp.243-287).

Tradução de Ligia Maria Venturini Romão (FFLCH/USP), Marcos Balieiro (PPGF/USP), Luisa Valentini (PPGAS/USP), Eliseu Frank (ICB/USP), Ana Leticia de Fiore (C.Sociais, FFLCH/USP) Rui Harayama (C.Sociais, FFLCH/USP)

- 1 Dos vinte e três capítulos que fazem parte do meu livro, *The Perception of the Environment*, a maior parte foi escrita na década de 90. 'Pare, olhe e escute!' foi o último a ser escrito e foi, de longe, o mais extenso e o mais difícil de escrever. Tentando lidar com a questão geral de como as pessoas percebem o mundo à sua volta, fiquei tão animado quanto frustrado pela literatura sobre o que era, na época, o campo emergente da "antropologia dos sentidos". Por um lado, ela prometia um âmbito de investigação rico e fascinante, desvendando áreas da experiência humana negligenciadas previamente ou, até, intocadas. Por outro lado, no entanto, o que ela parecia oferecer, por trás de sua retórica de uma "revolução sensória" no conhecimento, era apenas mais do mesmo, sucumbindo, inocentemente, a um relativismo cultural cansado e amplamente desacreditado. Assim como a antropologia mais antiga (que opunha nós ocidentais aos 'outros' não ocidentais) havia retratado esses outros em mundos culturais diferentes, a antropologia dos sentidos parecia retratá-los, do mesmo modo, em mundos sensoriais diferentes. Além de substituir "cultura" por "sentidos" e "modelos culturais" por "modelos sensoriais", nada havia mudado.
- 2 Em meu livro, procurei repudiar o axioma fundador desse tipo de relativismo – de que a percepção consiste, notadamente, na modelagem cultural de experiências recebidas pelo corpo – e substituí-lo por uma compreensão da percepção como engajamento ativo e exploratório da pessoa inteira, corpo e mente indissolúveis, num ambiente ricamente

estruturado. Parecia-me que esse engajamento era precisamente aquilo que estava faltando a uma antropologia dos sentidos que não tinha nada a dizer sobre como as pessoas, na prática, vêem, ouvem e tateiam em suas próprias vidas, e que tinha tudo a dizer sobre como suas experiências da audição, da visão e do tato alimentam a imaginação e penetram suas expressões discursivas e literárias. Na completa objetificação dos sentidos, como coisas sobre as quais que alguém poderia empreender um estudo antropológico, parecia que os olhos, ouvidos e pele não eram mais considerados como órgãos de um corpo que, conforme trilha seu caminho no mundo, olha, escuta e tateia atentamente para onde está indo. Pelo contrário, eles se tornaram instrumentos de reprise, capturando momentos de experiência e retransmitindo-os a uma consciência reflexiva para subsequente revisão e interpretação.

- 3 Essa mudança de foco, de como as pessoas percebem o mundo real no qual habitam, para como elas habitam os mundos virtuais de sentido, já foi bem estabelecida no estudo daquilo que ficou conhecido como "cultura visual" e fez parte de um movimento mais amplo de pensamento que impulsionou a expansão inflacionária dos assim chamados estudos culturais. Para os estudiosos do visual, ver, aparentemente, não diz respeito à observação, a olhar a própria volta ou a atentar para o que está acontecendo. Tampouco diz respeito à experiência de iluminação que torna essas atividades possíveis. Antes, diz respeito, estreita e exclusivamente, ao exame cuidadoso de imagens. Onde não há imagens para ver, não há visão. É como se os olhos não se abrissem para o mundo em si mesmo, mas para um simulacro do mundo cujos objetos testemunham a experiência da visão e nos devolvem essa experiência em nosso olhar. Desorientado nesse mundo de imagens, no qual tudo que se pode ver é em si mesmo um reflexo da visão, o observador parece cego ao próprio mundo.
- 4 Uma das principais reivindicações da antropologia dos sentidos é, claro, de ter destronado a visão da posição soberana supostamente ocupada por ela no panteão intelectual do mundo ocidental e destacar as contribuições de outras modalidades sensoriais, não visuais, acima de tudo para a formação sensorial dos povos não-ocidentais. É, portanto, irônico que no 'redescobrimento' dessas modalidades – audição, tato, olfato, e assim por diante – antropólogos dos sentidos tenham efetuado exatamente a mesma manobra que seus aliados intelectuais no estudo da cultura visual. Aos mundos de imagens criados por esses últimos, eles simplesmente adicionaram mundos de sons, tatos e cheiros. Um sintoma desse artifício é a multiplicação de 'paisagens' de todos os tipos possíveis. Se os olhos devolvem para nós o mundo em sua imagem visual, concebido como paisagem, então do mesmo modo os ouvidos revelam uma paisagem sonora, a pele uma paisagem tátil, o nariz uma paisagem olfativa, e assim por diante. É claro que, na realidade, o ambiente que as pessoas habitam não é dividido por caminhos sensoriais pelos quais elas podem acessá-lo. É o mesmo mundo, não importa o caminho que escolham. Mas essas múltiplas 'paisagens' não se referem ao mundo prática e produtivamente habitado. Elas se referem aos mundos virtuais criados pela captura das experiências encorporadas e perceptuais da habitação e pela sua devolução, em formas artificialmente purificadas, para interpretação e consumo.
- 5 Nos anos que se passaram após 2000, quando 'Pare, olhe e escute!' foi publicado pela primeira vez, a 'virada sensorial' no conhecimento foi de vento em popa, em grande parte graças aos incansáveis esforços de seu principal representante, David Howes. Acompanhá-la tornou-se uma moda acadêmica. Numerosas publicações surgiram, incluindo monografias, livros didáticos e compilações de ensaios¹. Existe até uma revista

especializada, *The Senses and Society*, voltada exclusivamente para esse campo. No entanto, a lacuna entre prática perceptual e imaginação sensória está maior do que nunca. Foi essa lacuna que fez com que 'Pare, olhe e escute!' fosse tão difícil de escrever. Esforcei-me para fechá-la mostrando como o que tem sido pensado e escrito em termos dos sentidos está, necessariamente, incrustado nas práticas da vida real como ver, ouvir e tocar. Até hoje, essa tentativa tem encontrado ouvidos moucos. Quando isso não acontece, ela tem se deparado com pura hostilidade.

- 6 Assim, em seu livro *Sensual Relations*, David Howes declara que a pior coisa que os antropólogos podem fazer é basear suas análises nos modelos de 'sistemas perceptuais' propostos por psicólogos como James Gibson ou filósofos como Maurice Merleau-Ponty². É óbvio quem Howes tem em mira! Para ele, qualquer um que esteja interessado na visão e em como ela funciona, incluindo eu mesmo, é, automaticamente, acusado de 'imperialismo epistemológico'. Essa acusação é, certamente, risível. A visão é, obviamente, importante para a maioria dos seres humanos mundo afora, e acusar qualquer um que deseje escrever sobre ela de ter sucumbido ao visualismo é tão absurdo quanto banir pesquisas sobre a fabricação de ferramentas pelo homem pela razão de que isso significa conspirar para o projeto modernista de dominação mundial tecnológica!
- 7 Ninguém é tão ingênuo a ponto de se crer totalmente livre de ser tendencioso. No entanto, quaisquer vieses que surjam em estudos de maneiras como as pessoas usam seus olhos, ouvidos e pele para perceber, ou a maneira como usam ferramentas para atuar, são insignificantes diante do imperialismo inerente a um projeto comparativo que limita as maneiras de pensar e conhecer das 'culturas indígenas' a epistemologias sensoriais fechadas que são expostas à jurisdição dominante do onisciente e onipotente antropólogo ocidental. Esse é o projeto que Howes propõe em nome da antropologia dos sentidos. As filosofias que ele denuncia de modo tão estridente são, precisamente, aquelas que têm o potencial de nos levar para além de um relativismo cultural tão abjeto, em direção ao reconhecimento de que se as pessoas diferem nas maneiras como percebem o mundo, é, precisamente, por causa daquilo que elas têm em comum, a saber, sua base existencial no único mundo que elas – e nós – habitamos. Para trazer de volta à terra a antropologia dos sentidos, nossa prioridade deve ser restituir aos mundos virtuais do sentido as praticidades de nossa maneira sensória de perceber o mundo.

NOTAS

1. D. Howes, *Sensual Relations: Engaging the Senses in Culture and Social Theory*, Ann Arbor: University of Michigan Press, 2003; M. Bull and L. Back (eds), *The Auditory Culture Reader*, Oxford: Berg, 2003; V. Erlmann (ed.), *Hearing Cultures: Essays on Sound, Listening and Modernity*, Oxford: Berg, 2004; D. Howes (ed.), *Empire of the Senses: The Sensual Culture Reader*, Oxford: Berg, 2005; C. Classen (ed.), *The Book of Touch*, Oxford: Berg, 2005; J. Drobnick (ed.), *The Smell Culture Reader*, Oxford: Berg, 2006; M. Paterson, *The Senses of Touch: Haptics, Affects and Technologies*, Oxford: Berg, 2007; E. Edwards and K. Bhaumik (eds) *Visual Sense: A Cultural Reader*, Oxford: Berg, 2008; D. Howes (ed.) *The Sixth Sense Reader*, Oxford: Berg, 2009.

2. D. Howes, *Sensual Relations: Engaging the Senses in Culture and Social Theory*, Ann Arbor: University of Michigan Press, 2003, pp. 49-50. Em relação ao imperialismo epistemológico, ver *ibid.* pp. 239-40, fn. 8

AUTOR

TIM INGOLD

University of Aberdeen